

A BATALHA

Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL
DO TRABALHO
Aderente à Associação Intersindical
dos Trabalhadores
Assinatura: Inclui-se o susseguimento, 2.º trimestre,
Lisboa, mês de Setembro, Provincia, 3 meses 2350,
África Portuguesa, 6 meses 7000; Espanha, 6 meses 11000.

Domingo, 29 de NOVEMBRO DE 1925

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTE-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 2147

ESTAMOS EM FACE DUM PLANO TENEBROSO?

PREGUNTA-SE: A QUE INTUITO OBEDECE A CAMPANHA DE "O SÉCULO"?

Não visará a preparar o ambiente propício a uma revolução reaccionária? Quem financiará essa revolução? Serão as entidades financeiras a quem a campanha do «Século» favorece, ou sejam: Banco Nacional Ultramarino, Fonseca, Santos & Viana e Casa Burnay? Quem serão os chefes desse movimento reaccionário que está na forja a quecida pela campanha do órgão das «fôrças vivas»? Serão os Filomeno da Câmara, os Cabeçadas, os Raúl Esteves e seus comparsas? Limitamo-nos, por hoje, a formular estas perguntas, aconselhando ao mesmo tempo o povo trabalhador a precaver-se bem contra os manejos que se fazem na sombra.

A ALTA FINANÇA ESTÁ PREPARANDO UM GOLPE TENEBROSO! CAUTELA!

UMA LUTA HEROICA

O capitalismo é assim: capaz de dispensar rios de dinheiro para corromper os jornais, comprar os políticos e preparar revoluções tenebrosas que favoreçam os seus desígnios inconfessáveis, mostrando-se renidente quando se trata de dar aos trabalhadores uma iérnia parca que possa habilitá-los a satisfazer as mais comezinhas necessidades.

O conflito existente entre a classe corticeira e os respectivos industriais prova com invulgar flagrância o que vimos de afirmar. A crise que a indústria corticeira atravessa não se resolverá com uma baixa de salários. Sabem-no os operários e sabem-no os industriais tão bem ou melhor do que os operários.

Entretanto, os industriais com uma má vontade que afinal não serve os seus interesses pretendem reduzir à miséria uma numerosa classe trabalhadora. Não os demovem, aos industriais, as dificuldades que os operários seriam forçados a passar se sofrerem uma redução de salários. Impedidos por um egoísmo fez, os industriais são indiferentes a dó e à miséria alheias. Pensam apenas que os seus lucros não de sair da pele do trabalhador e não do desenvolvimento e perfeição da sua indústria. Não exploram a indústria, exploram o operário.

Ora, uma redução de salários, num momento em que o custo da vida, longe de baixar, mostra tendências assustadoras para subir, não

pode admitir-se. Isso compreendem admiravelmente os operários corticeiros, razão por que se defendem com uma persistência digna de registo e de aplauso franco nesta folha de trabalhadores.

Esperam os industriais que os grevistas, que já entraram heroicamente na quinta semana de greve, fraquejem de um momento para o outro para fazê-los render sem condições.

Tal não acontecerá, porém. A classe corticeira, treinada na luta, não fraquejou, nem fraquejará. Sabe o que quer—e mais: tem a consciência da sua razão. Essa consciência levá-la há até ao triunfo, bem merecido.

São de témpera demasiado rija os corticeiros para que estas nossas palavras de justiça lhes sirvam de incitamento. A sua energia, o seu espírito de coesão e de solidariedade estão acima das nossas palavras. Longe deles confiarem, para se alentarem na luta, nestas sinceras palavras, eles nos dão a nós ensejo de mais uma vez constatarmos que o desejo de vencer, o ânimo no combate não desapareceram do seio da classe que deu, com os seus movimentos grandiosos, o exemplo revolucionário e emancipador a muitas classes que só mais tarde vieram para o terreno da guerra social.

Continuamos, pois, a confiar nas tradições da classe corticeira.

O MAU TEMPO

UMA REPORTAGEM NUM DIA DE CHUVA

dia monótono, tristonho, enervante, o dia de anteontem, com uma chuva insistente que não mais cessa de fustigar as pernas, os ombros, a alma.

A roupa fica ensopada, e os nervos amassados, moles, sem vontade para o trabalho, ou irritados pelas longas estadias nos portões, nos cafés, em casa, nas oficinas, esperando uma aberta que nunca mais vem, porque a chuva continua, horas e horas dominando tudo.

Aqueles que se atrevem a afrontar a chuva, recolhem cedo, enccharcados, temendo a gripe, a pneumonia, apelando para os taxis.

Os taxis tiveram o seu grande dia. Nas repartições, faltaram muitos funcionários, e as ruas revelaram aquela grande falta de higiene que confia aos acasos do mau tempo a sua desgraça de limpeza. O pavimento das ruas apareceu lavadinho. Era a única coisa clara, num dia tão escuro...

* * *

O jornalista que anda no serviço da rua, perdeu o seu tempo, prisioneiro no café. Com uma caneta de tinta permanente e o telefone, confia em que não passará um dia de todo instável. Num dia de chuva, a reportagem só se pode fazer no café. Aqui devem acudir todos: políticos, financeiros e os amadores de informações, os homens que sabem tudo. E' questão de esperar...

* * *

O café vai enchendo, regorgita. O telefone não pára. Toda a gente pretende resolver os seus assuntos telefonicamente, para não perder tempo. Um homem junto do telefone é um bom posto de observação. Não nos enganámos. Há um homem que, através dos arames, está recebendo uma comunicação importantíssima, uma comunicação que o afiga imenso. Logo que ele põe o auseultador, está ali uma reportagem garantida. Advinhamo-la.

* * *

Não nos enganámos. O homem larga o aparelho, irritadíssimo. Aproxima-se do companheiro sentado à sua mesa e desabafa:

—Aqui está! Grande pouca vergonha. Têm os meus livros estragados, a minha mobília danificada. Quem me indemniza destes prejuízos? Quem?

—Mas o que foi?

—Isto: Diz-me lá de casa, que tenho os meus livros estragados... Um pavor...

—Mas como?

—Com a chuva... Chove em minha casa como na rua. Eu há muito tempo que esperava isto, mas, francamente, nunca supus que fosse tanto.

Ha imenso tempo, que ando às turmas com o senhorio para arranjar o telhado, que se, um dia chovesse a valer, ficava com a mobília toda espatifada. Chegou o dia. O meu cunhado chamou dois moços e lá está em casa, acarretando com a mobília como se a estivesse salvando dum incêndio. Isto é uma grande pouca vergonha. O senhorio está-se nas tintas, porque o que ele quer e põe-nos dalli para fora.

* * *

A questão da chuva generaliza-se, invadindo vários grupos, modorrados em volta dumha mesa.

A chuva é já uma questão, porque a cidade não tem defesas. Todos os anos nos deixamos surpreender. E' como a falta de água no mar. A cidade está desabrigada. E' ouvir os vários grupos.

* * *

—Daqui vou para casa, e encontro logo na cama, e não me tiro do quente enquanto não para esta maldita chuva.

—Ainda você é feliz que chega a casa e pode enfiar na cama, mas eu que vou encontrar a cama ensopada...

* * *

Hoje vou ficar a casa de minha sogra, porque em minha casa chove que nem na rua.

* * *

—O patife do meu senhorio está hoje radiante... Se lá for queixar-me da falta de obras no telhado, diz-me em ar de conselho protector que me mude, porque a casa mesmo assim como está, tomará a apanhada muita gente. Os patifes estão por cima. Fazem o que querem e nós temos de suportar-nos, porque em toda a parte é o mesmo.

* * *

—Adeus! Tenho que meter à chuva. Vou apanhar um taxi, e buscar a minha mãe... A pobre velhota, doente, cheia de reumatismo, e com a casa cheia de água!

* * *

Entra um arquitecto, tom plácido, o seu café, e olhando a porta, onde um numeroso grupo espera a paragem da chuva, comentou:

—A maior parte das casas em Lisboa

O CONGRESSO DOS SERVIÇOS DE SAÚDE

Inaugurou ontem os seus trabalhos no Palácio do Comércio, tendo sido trocadas efusivas saudações entre os congressistas

O 1.º Congresso Nacional dos Serviços de Saúde inaugurou ontem os seus trabalhos no sumptuoso Salão Nobre do Palácio do Comércio. A sessão inaugural teve começo às 22 horas, com a representação dos organismos seguintes:

Assoicações de Classe: do Pessoal dos Hospitais Civis Portugueses e sua delegação de Coimbra, dos Enfermeiros e Enfermeiras (Região do Sul), dos Empregados de Farmácia da Região do Sul, dos Enfermeiros do Norte, Secção de Enfermeiros da Marinha Mercante, Associação do Pessoal dos Hospitais de Evora.

No Congresso de Saúde tomam assento, além dos delegados dos organismos referidos, grande número de médicos, farmaceuticos, enfermeiros e enfermeiras com voto consultivo, num total de 200 congressistas.

O primeiro congressista a fazer uso da palavra foi o sr. Abel da Cruz, secretário da comissão executiva do Congresso, que em rápidas palavras explica a assistência que esta manifestação de h á muito se devia ter realizado, porém por razões contrárias à vontade dos elementos das associações dos serviços de saúde só agora pôde ter efectivado, vindo ainda a tempo de preencher uma importante lacuna, ou seja estudar a forma de reivindicar as velhas aspirações da classe.

Por esta sessão ser inauigural, isto é, destinada apenas aos discursos de saudação, o sr. Abel da Cruz termina as suas considerações, explicando à assembleia que foi convidado para presidir à sessão inaugural o dr. João Pais de Vasconcelos, director dos hospitais, que, por falta de saúde justificada, não pode comparecer. Em sua substituição, indica o sr. Abel da Cruz que lá à assembleia, não pode comparecer. Em sua substituição, indica o sr. Albano Bordalo Pinheiro Travassos Valdés, nome que a assembleia recebeu com uma salva de palmas.

Ao assumir a presidência, o dr. sr. Tra-

vassos Valdés indica para secretariado os nomes do sr. António da Silva e de D. Maria da Conceição Lopes.

Em seguida iniciou-se a série de discursos, todos elas, no final, cobertos com fortes aplausos.

O sr. Pereira Bento diz que o Congresso é uma eloquente afirmação de defesa dumha classe pelos bons serviços de saúde. Esta classe, ora irmanada, é de enfermeiros e farmaceuticos, que em conjunto vai prestar à causa da assistência um importante serviço como não há memória. E quando ela atingir a plenitude dos seus objectivos as condições sanitárias da cidade em casos de epidemia, sofrerão uma profunda remodelação que muito aproveitará ao público.

Termina cumprimentando os congressistas e saudando a entidade proprietária do Palácio do Comércio pela sua deferência para com os organizadores do congresso.

Segue-se o sr. Adriano Maia, pelos enfermeiros do norte, que proclama a sua grande satisfação em tomar parte neste acontecimento por ele dignificar a classe a que pertence. Felicita os promotores do congresso pela sua grande iniciativa e termina referindo-se a um artigo inserido em «A Epoca», artigo de defesa da enfermagem religiosa, que o orador considera perniciosa e o orgão católico classifica de primorosa.

O sr. Albino Monteiro, dos empregados de farmácia, devido à sua condição de ajudante de farmácia não se julga habilitado a representar a classe. No entanto como o problema lhe é caro, vem ao congresso dar a sua humilde cooperação.

Sente que o congresso tem uma infima representação de farmaceuticos, classe com um papel preponderante no magno assunto. Saúda a imprensa a quem reconhece uma força a considerar no movimento grande de que este congresso é prélio.

Pela delegacia de Coimbra da Associação dos Hospitais Civis, falou o sr. Assis Barata que num rápido discurso saúda o congresso e augura-lhe o bom éxito dos seus trabalhos.

O sr. Gomes do Amaral, dos enfermeiros da Marinha Mercante, prometeu tratar de sensivelmente da situação da sua classe em face dos enfermeiros civis, saudando por último o congresso.

Pelo pessoal hospitalar de Evora usou da palavra o sr. José Joaquim Caeiro, que num eloquente discurso relatou à assembleia que devido às incongruências da falta de organização há na capital do Alentejo um enfermeiro cego e outro tuberculoso apenas com 5000 por dia, a pesar da doença ter sido adquirida em serviço. Saúda também o congresso.

O sr. Costa Brochado, dos empregados de farmácia do norte, atribui à precipitação que presidiu à organização do congresso a insuficiência da representação dos ajudantes de farmácia do norte. Todavia reconhece que essa precipitação é produto da falta de organização que a classe tem.

Termina produzindo a seguinte afirmação que foi mal recebida pela assembleia: As Faculdades, especialmente a de farmácia, fornecem constantemente técnicos que não conhecem o seu mister e dão as consequências desastrosas para o público, reconhecendo-se por isso a conveniência de se fazer uma reforma nos serviços de farmácia a fim de evitá-las inconveniências de tal natureza.

Falam ainda Manuel Joaquim de Oliveira, Alberto Monteiro saudando o congresso em nome da Câmara Sindical do Trabalho e Abel da Cruz que encerrou a sessão.

Hoje, às 14 horas, realiza-se a 2.ª sessão em que serão discutidas as teses «A hospitalização simbólica dos sentimentos dum povo» e «Ensino, exercício e regulamentação da profissão de enfermeiro».

A organização operária perante os políticos esquerdistas e extremistas

Voltamos à frase — o «esquerdismo» é superior à mentalidade do povo português.

Nós dissemos que, a admitirmos o critério do seu autor, a propaganda socialista em Portugal não tem razão de existir, e os socialistas, portanto, andam a enganar os seus poucos ouvintes e leitores com as suas preâmbulos acerca da sua sociedade futura orientada pela ferrea autoridade do marxismo.

Por isso mesmo, talvez, é que os marxistas socialistas se vão tornando conservadores e enriquecidos, se ralliant aos republicanos da direita.

Estes, porém, cantam a vitória da República. Qual vitória? A das chapeladas, positivamente, a moralidade, a dos principios progressivos da liberdade e da igualdade, a do respeito e do carinho pelas camadas laboriosas—essa ainda não existe, a pesar dos 15 anos de maturação democrática.

Estes, porém, cantam a vitória da República. Qual vitória? A das chapeladas, positivamente, a moralidade do povo português, apenas «preparado» para acabar com as instituições vigentes—diz-nos que a marcha do progresso não se sustenta.

O socialista categorizado a que nos referimos também é de parecer que se não deve isolar as multidões, exaltando-as a um ponto de quererem marchar para um sistema político, económico ou social que o seu atraso de mentalidade não pode abarcar. No entanto, o regime republicano que ora nos domina, edificou-se com as pedras e com o saibro das espalhafatosas promessas e das ditirambebas lisonjas.

As multidões, nos tempos da ominosa, eram erguidas aos pináculos da idolatria soberana. Os republicanos prometeram ao povo uma imensurável bagagem de realizações ideais de cor de rosa...

E, todavia, volvidos tantos anos, não foram capazes de mudar, de cultivar, de aperfeiçoar a mentalidade do povo português, mas saíram, em troca, uns emeritos nos desbarates dos cofres públicos, no conquistação pouco menos do que destelhadas. Há muitos prédios, em que os senhores mandaram arrancar as telhas, para obrigar os inquilinos a sair, e os pobres moradores, a pesar disso, não tiveram outro remedio senão ficar.

«Ora imagine o que se terá passado em dois dias como têm estado... No teatro de São Carlos, chove no palco...»

Enfim, estamos aqui à espera que entre alguém, clamando:

—Vou a fugir para a rua, porque em minha casa não posso suportar a chuva...

E. F.

as opressões políticas, por mais cárteis vernizes com que estejam bonecadas...

Este aperfeiçoamento ético, intelectual, técnico e idealista dos indivíduos que trabalham, habilita-os a dispensar os tutores de toda a espécie e a poder tomar conta directa da gestão económico-social num sentido libertário e de solidariedade mútua.

E' a posse das ferramentas, das oficinas, do solo e sub-solo, das vias de comunicações e transportes terrestres e marítimos, enfim, de todo o património social, para quem de direito—para quem produz utilmente para o bem geral da comunidade inteira. E'

A Fábrica Nacional de Úvidos da Marinha Grande à mercé de uma família "devorista"

Se bem que tivéssemos dito no artigo anterior que nos iríamos ocupar de certos artefactos que a Nacional fabrica, com 50% de prejuízo, não fazemos ainda, porque há casos dignos de nota, e que estão em primeiro lugar. O dossier é vasto, de maneira que não podemos deixar de mão o caso dos homens que ganham por nada fazerem.

Os leitores hão de supor que entre Joaquim de Oliveira e Joaquim Marques de Oliveira não há diferença, e que se trata do mesmo indivíduo. Porém devemos dizer que tal não acontece, porquanto o primeiro é o pai e o segundo é filho. Os dois têm um espírito maligno que os anima: é o espírito da intriga, da calúnia e da mentira.

De resto escusado era exaltar-lhes as qualidades, porque pelo que se tem dito constata-se que o seu *modus vivendi* é composto de mentiras e arbitrariedades. Vamos demonstrar que temos razão: certo dia o engenheiro da fábrica foi tomar ares. Joaquim de Oliveira —pai— pensou em lhe fazer uma surpresa. Queria ganhar terreno e alcançar as boas graças do engenheiro-senhora de achaques como lhe chamam —e para tal começou gravando numa garrafa os impecáveis traços de lapidação em que perito, diga-se em abono da verdade.

Não queria porém —dizia o marau— que a Fábrica ficasse prejudicada com a oferenda. Isto é dizer é que a garrafa seria lapidada fora das horas de trabalho. O engenheiro chegou, e o nosso homem a pular de contente, levando a garrafa como um padre leva uma hostia num relicário, foi olerê-la ou ao recemchegado. A garrafa estava um primor, e houve segundo consta, quem a avaliasse em quinhentos escudos.

Ora o citado objecto, a todos os títulos digno de nota, não pertencia a Joaquim de Oliveira. Era pertença da Nacional, porque o sr. Oliveira tinha-a lapidado às horas de serviço, que não se esqueceu de apontar para receber! Para este caso ocorre-nos um velho anexim: —em casa do meu compadre grande fadat aciu meu aifilhado.

A garrafa levou-lhe perdo de quinze dias a preparar. O engenheiro soube do caso, mas não ligou importância, pois em vez de meter na ordem tal abuso, passado pouco tempo nomeava Joaquim de Oliveira professor do «Nicho Político» ou seja Escola Industrial Stéfens.

E nomeava-o precisamente porque é necessário que se diga que a citada Escola não pertencia a Joaquim de Oliveira. Moagem que comprava o alquique de trigo a 20\$00 e vendia o pão a 22\$00, agora compra o trigo a 13\$00 e vende o pão a 20\$00.

Como se vê a roubalheira é desenfreada, continuando a população à mercé destas companhias e indústrias que mais tarde ou mais cedo terão o castigo que merecem.

GIMNASIO
Andou muito acertadamente a empresa deste em ali fazer reviver a chistosa «GUERRA AO VINHO» em que Barbara Volckart tem um excedendo trabalho.

A Cova da Piedade
A nefasta acção dos políticos

O que se está passando nesta localidade é simplesmente lamentável. Todas as boas iniciativas aqui são despresadas, ao ponto de ficarmos sem a corporação dos bombeiros, cujos préstimos ainda há poucos dias exaltávamos.

Um caso mais grave, porém, vem de ocorrer e cujas consequências ainda não é fácil prever: Um tal sr. Pimenta, celebrado político que tem pontificado na Câmara Municipal da burgos, deu-se agora a aírrios entre a população só porque os cães de baixo, tendo conseguido uma maioria grande nas últimas eleições, lhe puseram em sério risco o pedestal. Na quarta-feira à noite, quando alguns dos seus adversários políticos exteriorizaram em manifestação o respeito da sua vitória, apareceu o Pimenta com a sua fúria a aspirar para cima dos manifestantes uma saraiada de tiros e pedradas.

O que mais é para lamentar é que tanto os votantes como os manifestantes sejam operários, que esquecendo os seus próprios interesses oferecem assim o pescoco à correria...

Em breve nós veremos em que se traduzem as lindas promessas dos vários pimentas e coloraus. Vamos ter mais uma câmara composta de industriais e comerciantes.

Que delírio... Os industriais camaristas atirar-seão aos salários como gato a bofe; os comerciantes, depois de comerem a isca elecioneira, mordem... mas ainda os preços dos géneros; e os operários... esses receberão o merecido pago de terem descurado os seus sindicatos para irem tergar tiros e pedras para elevarem tiranos.—E.

Realiza-se depois de amanhã no Cemitério Alto de S. João a inauguração do mausoleu-monumento destinado aos restos mortais dos beneméritos da Cidade.

Para a solenidade que tem lugar às 13 horas foram convidados além dos vereadores, as associações comerciais e outras entidades.

Os primeiros restos mortais a darem entrada no mausoleu serão os de Rosa Araújo, foi presidente da Câmara Municipal de Lisboa e ao qual a Cidade deve muitos e importantes melhoramentos.

HOJE
REPEDE-SE O ADMIRAVEL DRAMA
UM INIMIGO DO PAU
no
TEATRO APOLO
QUE É ENTUSIASMANTEMENTE APLAUDIDO
TODAS AS NOITES
NOTABILÍSSIMA TRABALHO
de
Alves da Cunha
Retumbante sucesso

HOJE
REPEDE-SE O ADMIRAVEL DRAMA
UM INIMIGO DO PAU
no
TEATRO DO GYMNASIO
COM
A INTERESSANTÍSSIMA PEÇA
GUERRA AO VINHO
DESEMPEÑO INEGUALAVEL SCENARIOS
INTERESANTÍSSIMOS

Ecos do temporal de anteontem

Nas Linhas de Torres, ao Lumiar, abateu anteontem, pelas 15 horas, uma obra em construção, propriedade de António Joaquim Araújo, gaoleiro.

Dizia um jornal da noite que o desmoronamento era devido à má construção por incapacidade dos operários.

Procurou-nos uma comissão do pessoal, acompanhada dum membro da Secção Profissional dos Pedreiros, a referir-nos que a má construção daquele prédio era devida ao emprego de mau material, pois que a areia era terra da quinta onde o gaoleiro proprietário semeia batatas, doseada com cal deficiente e também de má qualidade. Várias vezes os operários avisaram que o material não era capaz e lhe punha a vida em risco.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO
Empregados no Comércio e Indústria.—Durante o mês de Outubro distribuiu a Associação de Socorros Mútuos dos Empregados no Comércio e Indústria, pelos seus associados, subsídios monetários no valor de esc. 13.191,29.

No seu Dispensário, servido por pessoal clínico e de enfermagem de reconhecida competência, fizeram-se durante o mesmo mês uma operação de alta cirurgia, 5 de pequena cirurgia e 1992 tratamentos.

Os seus serviços balneoterapicos e hidroterapicos, com instalações cheias de conforto e higiene, tiveram também uma apreciável frequência.

No referido mês foram inscritos 30 novos sócios e registou-se a entrada de 49 propostas.

No dia 2 de Dezembro começa a funcionar o novo serviço de análises clínicas, absolutamente gratuito, não só para os sócios em tratamento com os clínicos da Associação, como também para os que tiverem como assistentes médicos estranhos à colectividade.

IMPRENSA

«Correio Desportivo»

Recebemos o 1.º número do *Correio Desportivo*. É um semanário dedicado aos assuntos desportivos que se apresenta com brilho e escolhida colaboração. Dirige-o o sr. Lichino Loureiro de Miranda.

NACIONAL

A peça querida das mulheres «AS DUAS METADES», o maior sucesso desta época repetiu-se hoje e todas as noites.

'A Batalha' na província e arradoras

Sintra

A caresta do pão

SINTRA, 25.—O pão continua caríssimo. A moagem que compra o alquique de trigo a 20\$00 e vende o pão a 22\$00, agora compra o trigo a 13\$00 e vende o pão a 20\$00.

Como se vê a roubalheira é desenfreada, continuando a população à mercé destas companhias e indústrias que mais tarde ou mais cedo terão o castigo que merecem.

GIMNASIO
Andou muito acertadamente a empresa deste em ali fazer reviver a chistosa «GUERRA AO VINHO» em que Barbara Volckart tem um excedendo trabalho.

A Cova da Piedade
A nefasta acção dos políticos

O que se está passando nesta localidade é simplesmente lamentável. Todas as boas iniciativas aqui são despresadas, ao ponto de ficarmos sem a corporação dos bombeiros, cujos préstimos ainda há poucos dias exaltávamos.

Que alguma mais atriudo, tenha aousadia de barafustar contra a família despotica dos Olivreiras. Não mais ali tem emprego! A Fábrica, em princípio, pertence-lhes, porque Sieffens legou a Fábrica aos operários. O grande professor de lapidação, alto astro, que jámás alguém suplantaria: bendita seja a mentira, que fez com que tu tenhas tão sabrosos frutos para papares.

Abençoada seja a hora em que te lembras da garrafinha, que fez com que tu clipes o Estado, e ajudes a comprometer a reputação critica dos teus companheiros de trabalho!

SÃO CARLOS

Peça interessante, com situações curiosíssimas, é a que está em cena neste teatro, «O PRÍNCIPE JOÃO», e que tanto agrado está obtendo.

Inauguração dum mausoleu

Realiza-se depois de amanhã no Cemitério Alto de S. João a inauguração do mausoleu-monumento destinado aos restos mortais dos beneméritos da Cidade.

Para a solenidade que tem lugar às 13 horas foram convidados além dos vereadores, as associações comerciais e outras entidades.

Os primeiros restos mortais a darem entrada no mausoleu serão os de Rosa Araújo, foi presidente da Câmara Municipal de Lisboa e ao qual a Cidade deve muitos e importantes melhoramentos.

As imoralidades da batota em Coimbra e a conivência das autoridades

COIMBRA, 26.—Não é segredo para ninguém de que nesta cidade se joga desenredadamente, havendo algumas casas de batota que funcionam nos pontos mais centrais e a todas as horas da dia ou da noite.

Toda a gente sabe isto, menos a brigada de polícia encarregada de fazer cumprir a lei proibitiva do jogo de azar. E contam-se casos que indignam, por vermos a nefastas consequências a que o jogo conduz. Umas vezes é um indivíduo que pratica um desfalque numa repartição pública; outras vezes é um oficial do exército que toma graves compromissos para satisfazer dividas contrárias ao régulo. E vão-se assinalando cada vez mais essas consequências, desgraçando homens, desmanchando lares. E tudo isto para meia dúzia de degenerados se refastelarem à custa da miséria de tantos que têm a desgraça de caírem nas garras dessas harpias que os batoteiros.

Aquela autoridade sanitária, pouco cuidadosa com a saúde pública, demorou o despacho de internamento e quando foram buscar a casa um dos filhos do João Manuel Pinto, já um outro, de 11 anos, tinha morrido.

Não fica por aqui a odiseia deste operário. Em sua casa, completamente nua, sem camis, sem roupas, sem um único agasalho ficaram ainda dois filhos cobertos de bexigas.

E o desventurado pai com um salário de 12500 terá que suportar a dureza deste vizinho?

Não ficou por aqui a odiseia deste operário. Em sua casa, completamente nua, sem camis, sem roupas, sem um único agasalho ficaram ainda dois filhos cobertos de bexigas.

E o desventurado pai com um salário de 12500 terá que suportar a dureza deste vizinho?

Não ficou por aqui a odiseia deste operário. Em sua casa, completamente nua, sem camis, sem roupas, sem um único agasalho ficaram ainda dois filhos cobertos de bexigas.

E o desventurado pai com um salário de 12500 terá que suportar a dureza deste vizinho?

Não ficou por aqui a odiseia deste operário. Em sua casa, completamente nua, sem camis, sem roupas, sem um único agasalho ficaram ainda dois filhos cobertos de bexigas.

E o desventurado pai com um salário de 12500 terá que suportar a dureza deste vizinho?

Não ficou por aqui a odiseia deste operário. Em sua casa, completamente nua, sem camis, sem roupas, sem um único agasalho ficaram ainda dois filhos cobertos de bexigas.

E o desventurado pai com um salário de 12500 terá que suportar a dureza deste vizinho?

Não ficou por aqui a odiseia deste operário. Em sua casa, completamente nua, sem camis, sem roupas, sem um único agasalho ficaram ainda dois filhos cobertos de bexigas.

E o desventurado pai com um salário de 12500 terá que suportar a dureza deste vizinho?

Não ficou por aqui a odiseia deste operário. Em sua casa, completamente nua, sem camis, sem roupas, sem um único agasalho ficaram ainda dois filhos cobertos de bexigas.

E o desventurado pai com um salário de 12500 terá que suportar a dureza deste vizinho?

Não ficou por aqui a odiseia deste operário. Em sua casa, completamente nua, sem camis, sem roupas, sem um único agasalho ficaram ainda dois filhos cobertos de bexigas.

E o desventurado pai com um salário de 12500 terá que suportar a dureza deste vizinho?

Não ficou por aqui a odiseia deste operário. Em sua casa, completamente nua, sem camis, sem roupas, sem um único agasalho ficaram ainda dois filhos cobertos de bexigas.

E o desventurado pai com um salário de 12500 terá que suportar a dureza deste vizinho?

Não ficou por aqui a odiseia deste operário. Em sua casa, completamente nua, sem camis, sem roupas, sem um único agasalho ficaram ainda dois filhos cobertos de bexigas.

E o desventurado pai com um salário de 12500 terá que suportar a dureza deste vizinho?

Não ficou por aqui a odiseia deste operário. Em sua casa, completamente nua, sem camis, sem roupas, sem um único agasalho ficaram ainda dois filhos cobertos de bexigas.

E o desventurado pai com um salário de 12500 terá que suportar a dureza deste vizinho?

Não ficou por aqui a odiseia deste operário. Em sua casa, completamente nua, sem camis, sem roupas, sem um único agasalho ficaram ainda dois filhos cobertos de bexigas.

E o desventurado pai com um salário de 12500 terá que suportar a dureza deste vizinho?

Não ficou por aqui a odiseia deste operário. Em sua casa, completamente nua, sem camis, sem roupas, sem um único agasalho ficaram ainda dois filhos cobertos de bexigas.

E o desventurado pai com um salário de 12500 terá que suportar a dureza deste vizinho?

Não ficou por aqui a odiseia deste operário. Em sua casa, completamente nua, sem camis, sem roupas, sem um único agasalho ficaram ainda dois filhos cobertos de bexigas.

E o desventurado pai com um salário de 12500 terá que suportar a dureza deste vizinho?

Não ficou por aqui a odiseia deste operário. Em sua casa, completamente nua, sem camis, sem roupas, sem um único agasalho ficaram ainda dois filhos cobertos de bexigas.

E o desventurado pai com um salário de 12500 terá que suportar a dureza deste vizinho?

Não ficou por aqui a odiseia deste operário. Em sua casa, completamente nua, sem camis, sem roupas, sem um único agasalho ficaram ainda dois filhos cobertos de bexigas.

E o desventurado pai com um salário de 12500 terá que suportar a dureza deste vizinho?

Não ficou por aqui a odiseia deste operário. Em sua casa, completamente nua, sem camis, sem roupas, sem um único agasalho ficaram ainda dois filhos cobertos de bexigas.

E o desventurado pai com um salário de 12500 terá que suportar a dureza deste vizinho?

Não ficou por aqui a odiseia deste operário. Em sua casa, completamente nua, sem camis, sem roupas, sem um único agasalho ficaram ainda dois filhos cobertos de bexigas.

E o desventurado pai com um salário de 12500 terá que suportar a dureza deste vizinho?

Não ficou por aqui a odiseia deste operário.

Agenda de A BATALHA
CALENDARIO DE NOVEMBRO

Q.	11	18	25	HOLI O SOL
Q.	12	19	26	Aparece às 7,31
S.	13	20	27	Desaparece às 17,10
S.	14	21	28	FASES DA LUA
D.	15	22	29	1. C. dia 30 às 8,11
S.	16	23	30	Q.M. 8 15,13
T.	17	24	—	L.N. 10 6,58
	18	25	—	C. 23 2,06

MARES DE HOJE

Fraijam às 2,04 e às 2,24
Eafixam às 7,34 e às 7,54

ESPECTACULOS

TEATROS

Nacional — As 21 — As duas Metades.
São Carlos — As 21,30 — O Príncipe João.
Poliama — As 21,30 — Raparigas de hoje.
Trindade — Não há espetáculo.
Círculo — As 21,15 — Guerra ao vinho.
Apollo — As 21,15 — Um inimigo do povo.
São Bento — As 21 — Os Gavilões.
As 12 — Matinée.

Ribeira — As 21,15 — O Pão de Ló.
Eça — As 21,15 — No país de tiranos.
Maria Vitoria — As 20,20 e 22,30 — Rataplana.
Coliseu — As 21 — Companhia de circo.
As 12 — Matinée.

Joaquim de Almeida — Animatógrafo e variedades.
Sélos Vos — Animatógrafo e Variedades.
Fil Vicente (A Graciosa) — As 20 — Animatógrafo.
Irenita Ferreira — Todas as noites. Concertos e diversões.

CINEMAS

Tivoli — Olympia — Central — Condes — Chiado Terceiro — Ideal — Arco Bandeira — Promotora — Esperança — Terceiro — Cine Paris.

LIMAS NACIONAIS

Só grande falta de propaganda tem dado lugar a que ainda hoje se consumem em Portugal limas estrangeiras que custam mais que as limas portuguesas.
Touros — da Empresa dos Limas — realizaram um preço combinado com as melhores empresas do Mundo. Experimentem, pois, as nossas limas que se encontram à venda em todos os postos estabelecimentos de ferragemaria país.

Cooperativa 2.ª Comuna

Rua da Cascalheira, 9
ASSEMBLEIA GERAL ORDINARIA

Em conformidade com o disposto no artigo 19º dos Estatutos, convoco os sócios a reunir, em assembleia geral, no dia 10 de Dezembro, pelas 20,30 horas, para discussão e votação das contas de 1923-1924 e apresentar uma proposta de alteração nos Estatutos. Na havendo número legal na hora indicada,功用将向 a mesma 1 hora depois de qualquer número.

Lisboa, 28 de Novembro de 1925.—Peço secretário da mesa, Cláudio dos Santos.

Associação de Socorros Mútuos «Progresso Social»

Sede — Rua da Rosa, 188, 1.º D.

E' convocada a assembleia geral a reunir no dia 2 de Dezembro próximo, pelas 20 horas, para eleger os corpos gerentes para o ano de 1926.

Não reunindo por falta de número legal de sócios, fica a mesma convocada para o dia 11 no mesmo local e hora.

Lisboa, 28 de Novembro de 1925.—O Presidente da Mesa, (a) Raúl das Neves Lopes.

Associação de Socorros Mútuos Humanitária «A Fénix»
Sede — Rua de São Paulo, 104, 3.º dto — Lisboa

AVISO

Convoco a reunião da Assembleia Geral, para o dia 2 de Dezembro próximo, pelas 20 horas, na sede da Associação, sendo a ordem dos trabalhos:

Eleição dos corpos gerentes para o futuro ano de 1926.

Não se reunindo neste dia por falta de número legal de sócios, efectuar-se-há nova reunião, com qualquer número, no dia 11 do referido mês, para o mesmo fim, à hora e no local mencionados neste aviso.

Lisboa, 28 de Novembro de 1925.—O Presidente da Mesa, (a) Domingos Roque Gaiá.

“Educação Social”

Revista de pedagogia e sociologia
Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA
Publicação mensal

Redacção e administração — Empresa Literária Fluminense, Limit. — R. dos Retiros, 125 — LISBOA.

A venda na administração de «A Batalha».

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 20 desta revista intitulado El Herje, de J. Sanjurjo. Preço, \$50. — Pedidos à administração de «A Batalha».

pronuncieis por ordem dos factos, acerca da sorte de Joana, acusada agora de reincidência!

O arcediago Nicolau de Venderesse. — A sobredita Joana deve ser entregue ao braço secular a fim de ser queimada viva, como relapso.

O abade Agidie. — Joana é herética e relapso, não há que duvidar; contudo sou de opinião que a façamos abjurar segunda vez os seus erros, sob pena de ser entregue ao alzgo.

O cônego João Pinchon. — Joana é relapso; conto com os meus caríssimos irmãos para lhe inflingir o devido castigo.

O cônego Guilherme Erard. — Declaro terminante mente que Joana Darc é relapso e como tal merece ser queimada viva.

O capelão Roberto Gilberto. — Joana deve ser queimada como relapso e herética.

O abade Saint Audoin. — Esta mulher é relapso; é preciso que abjure segunda vez, quando não, sou de opinião que seja condenada.

O arcediago João de Castilhone. — A relapso deve ser entregue ao braço secular.

O cônego Ermangard. — Peço o suplício exemplar de Joana Darc.

O diácono Boucher. — Joana deve ser condenada como relapso, depois de uma segunda leitura de abjuração.

O prior de Longueville. — E' também essa a minha opinião. Que seja queimada viva.

O reverendo padre Giffard. — Sou de opinião que a relapso deve ser condenada sem demora.

O reverendo padre Haiton. — Declaro que a dita mulher é relapso, e requeiro contra ela o pronto castigo do seu crime, se ela se recusar a abjurar segunda vez.

O cônego Marguerie. — Joana é relapso; como tal deve ser entregue sem perda de tempo à justiça secular.

O cônego Joao de l'Eve. — Sou da mesma opinião. Ela deve ser queimada viva.

29-11-1925

OS MISTÉRIOS DO PÚBLICO

pronuncieis por ordem dos factos, acerca da sorte de Joana, acusada agora de reincidência!

O arcediago Nicolau de Venderesse. — A sobredita Joana deve ser entregue ao braço secular a fim de ser queimada viva, como relapso.

O abade Agidie. — Joana é herética e relapso, não há que duvidar; contudo sou de opinião que a façamos abjurar segunda vez os seus erros, sob pena de ser entregue ao alzgo.

O cônego João Pinchon. — Joana é relapso; conto com os meus caríssimos irmãos para lhe inflingir o devido castigo.

O cônego Guilherme Erard. — Declaro terminante mente que Joana Darc é relapso e como tal merece ser queimada viva.

O capelão Roberto Gilberto. — Joana deve ser queimada como relapso e herética.

O abade Saint Audoin. — Esta mulher é relapso; é preciso que abjure segunda vez, quando não, sou de opinião que seja condenada.

O arcediago João de Castilhone. — A relapso deve ser entregue ao braço secular.

O cônego Ermangard. — Peço o suplício exemplar de Joana Darc.

O diácono Boucher. — Joana deve ser condenada como relapso, depois de uma segunda leitura de abjuração.

O prior de Longueville. — E' também essa a minha opinião. Que seja queimada viva.

O reverendo padre Giffard. — Sou de opinião que a relapso deve ser condenada sem demora.

O reverendo padre Haiton. — Declaro que a dita mulher é relapso, e requeiro contra ela o pronto castigo do seu crime, se ela se recusar a abjurar segunda vez.

O cônego Marguerie. — Joana é relapso; como tal deve ser entregue sem perda de tempo à justiça secular.

O cônego Joao de l'Eve. — Sou da mesma opinião. Ela deve ser queimada viva.

29-11-1925

N.º 539

A BATALHA

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE NOVEMBRO

Q. 11 18 25 HOI O SOL

Q. 12 19 26 Aparece às 7,31

S. 13 20 27 Desaparece às 17,10

S. 14 21 28 FASES DA LUA

D. 15 22 29 FASES DA LUA

S. 16 23 30 FASES DA LUA

T. 17 24 Q.C. 23 2,06

MARES DE HOJE

Fraijam às 2,04 e às 2,24
Eafixam às 7,34 e às 7,54

ESPECTACULOS

TEATROS

Nacional — As 21 — As duas Metades.
São Carlos — As 21,30 — O Príncipe João.
Poliama — As 21,30 — Raparigas de hoje.
Trindade — Não há espetáculo.

Círculo — As 21,15 — Guerra ao vinho.

Apollo — As 21,15 — Um inimigo do povo.

São Bento — As 21 — Os Gavilões.

As 12 — Matinée.

Ribeira — As 21,15 — O Pão de Ló.

Eça — As 21,15 — No país de tiranos.

Maria Vitoria — As 20,20 e 22,30 — Rataplana.

Coliseu — As 21 — Companhia de circo.

As 12 — Matinée.

Joaquim de Almeida — Animatógrafo e variedades.

Selos Vos — Animatógrafo e Variedades.

Fil Vicente (A Graciosa) — As 20 — Animatógrafo.

Irenita Ferreira — Todas as noites. Concertos e diversões.

CINEMAS

Tivoli — Olympia — Central — Condes — Chiado Terceiro — Ideal — Arco Bandeira — Promotora — Esperança — Terceiro — Cine Paris.

LIMAS NACIONAIS

Só grande falta de propaganda tem dado lugar a que ainda hoje se consumem em Portugal limas estrangeiras que custam mais que as limas portuguesas.

Touros — da Empresa dos Limas — realizaram um preço combinado com as melhores empresas do Mundo. Experimentem, pois, as nossas limas que se encontram à venda em todos os postos estabelecimentos de ferragemaria país.

Cooperativa 2.ª Comuna

Rua da Cascalheira, 9
ASSEMBLEIA GERAL ORDINARIA

En convocando com o disposto no artigo 19º dos Estatutos, convoco os sócios a reunir, em assembleia geral, no dia 10 de Dezembro, pelas 20,30 horas, para discussão e votação das contas de 1923-1924 e apresentar uma proposta de alteração nos Estatutos. Na havendo número legal na hora indicada,功用将向 a mesma 1 hora depois de qualquer número.

Lisboa, 28 de Novembro de 1925.—Peço secretário da mesa, Cláudio dos Santos.

Associação de Socorros Mútuos «Progresso Social»

Sede — Rua da Rosa, 188, 1.º D.

E' convocada a assembleia geral a reunir no dia 2 de Dezembro próximo, pelas 20 horas, para eleger os corpos gerentes para o ano de 1926.

Não reunindo por falta de número legal de sócios, fica a mesma convocada para o dia 11 no mesmo local e hora.

Lisboa, 28 de Novembro de 1925.—O Presidente da Mesa, (a) Raúl das Neves Lopes.

Associação de Socorros Mútuos Humanitária «A Fénix»

Sede — Rua de São Paulo, 104, 3.º dto — Lisboa

AVISO

Convoco a reunião da Assembleia Geral, para o dia 2 de Dezembro próximo, pelas 20 horas, na sede da Associação, sendo a ordem dos trabalhos:

Eleição dos corpos gerentes para o futuro ano de 1926.

Não se reunindo neste dia por falta de número legal de sócios, efectuar-se-há nova reunião, com qualquer número, no dia 11 do referido mês, para o mesmo fim, à hora e no local mencionados neste aviso.

Lisboa, 2

A BATALHA

A equiparação dos vencimentos do pessoal hospitalar aos dos funcionários do Estado

(Dese a apresentar ao Congresso dos Serviços de Saúde)

Senhores Congressistas: — Como representante da Associação de Classe dos Enfermeiros do Pórtico, tenho a subida honra de saudar o 1º Congresso Nacional de Saúde, esperando que dele saiam resoluções importantes em prol do pessoal de saúde português.

O pessoal dos hospitais portugueses é uma classe que está numas condições verdadeiramente deploráveis, incluindo os funcionários dos hospitais de Lisboa, que, embora melhor remunerados, não têm honrarias bastantes com que façam face às acasas exigências da vida.

Em Portugal, porém, são os que em melhores condições se encontram.

Pelas províncias, de norte a sul e de este a oeste, há Misericordias que pagam aos seus funcionários hospitalares uns vencimentos que vão de cinqüenta a cem escudos mensais. É certo que têm alimentação, mas os artigos de vestuário, calcado, aluguer de casa e outras despesas obrigatórias, como o sustento de pessoas da família, etc., não se compadecem com tão insignificantes vencimentos.

Porque, de verdade, muitos são casados, nada podendo angariar a espesa por necessitar de todo o tempo para cuidar dos filhos e do arranjo de casa.

No Pórtico, cujos hospitais estão a cargo da Santa Casa da Misericórdia, os seus funcionários passaram a toda a quadra da grande guerra e ainda a dos seus efeitos e consequências, que foi muito pio, numa situação afitiva.

Ainda hoje, embora melhoras a divisa cambial, os mesmos funcionários se encontram em precárias circunstâncias.

Melhorou o câmbio, mas não embarcou a vida.

Para que o respeitável e digníssimo Congresso possa avaliar da sua situação, basta dizer que os honorários do pessoal menor são de cem, trezentos e oitenta escudos, havendo no Hospital do Conde de Ferreira alguns funcionários do sexo feminino, com vencimentos ainda inferiores.

Também existem no norte diversas ordens e postos de socorro, onde o pessoal de enfermagem presta serviços muito importantes e não ganha o suficiente para fazer face à vida. Não vivem como homens vegetam.

Todos sabem que o pessoal de enfermagem está sujeito a todas as infecções e o seu trabalho está incluído na classe dos serviços intoxicantes e contagiosos.

Pois até à presente data, tudo isto tem esquecido aos que têm a estrita obrigação de velar por aqueles que trazem sempre a saúde em riscos e vida em perigo, por aqueles que saúde e vida sacrificam pela Humanidade sofredora!

Temos no Pórtico as ordens da Trindade, do Carmo e de S. Francisco que possuem um corpo de enfermagem muito antigo e muito competente, e, como paga dos seus relevantes e arriscadíssimos serviços, foram postos na rua para serem substituídos por irmãs da caridade, mandadas vir de Tui, o que é contra a lei da Separação das Igrejas do Estado e ainda dos estatutos das referidas ordens.

Este facto é bem conhecido de todos e eu espero que o Congresso o aprecie devotamente para bem da classe do pessoal de enfermagem, que está sendo altamente prejudicado por se não cumprir uma das leis fundamentais da nação.

Um outro ponto para que vou chamar a atenção do Congresso é o horário de trabalho dentro dos hospitais.

Ninguém ignora que o ar puro é um dos elementos essenciais para que haja saúde. Ora, se os doentes hospitalizados não podem haurir, por o ambiente ser mais ou menos viciado, é de comeshinha intuição que os que tratam desses doentes devem oxigenar os pulmões ao ar livre, para que possam resistir à doença e os doentes possam tratar.

A Associação que tenho a honra de representar neste Congresso reclamou da Mesa da Santa Casa da Misericórdia o cumprimento da lei do horário de trabalho.

Este corpo administrativo, depois de consultar o sr. governador civil, respondeu à comissão para esse fim nomeada:

«O pessoal hospitalar não está abrangido pela lei.»

Protestou a mesma Associação em termos respeitosos, e, como resposta, foi publicado há poucos meses um regulamento, onde se não encontra uma palavra sequer em favor do pessoal hospitalar.

Temos também no Pórtico o hospital Joaquim Urbano, que, a-pesar-de ser do Estado, só dá folga duas tardes por semana ao seu pessoal de enfermagem.

Parece que o pessoal dos hospitais portugueses não é de carne e osso como todos os outros trabalhadores.

Urge, pois, resolver este problema. Quem trata de doentes precisa de ter saúde e esta não pode existir com excesso de trabalho e sem ar puro e sem sono.

Senhores Congressistas: — Não há razão alguma para que no século XX haja Misericórdias. E' o Estado, unicamente o Estado, que tem obrigação de fazer assistência em todo o país.

Para isso tem o Instituto de Seguros Sociais, a quem o Estado dá todos os meios de colher importâncias receitas, as quais, infelizmente para o resto do país, são gastas sómente em Lisboa.

Seja, porém, como fôr e vá o governo buscar os meios necessários onde quiser, o que é preciso é exigir dele aquilo que o país tem direito.

Um outro ponto importantíssimo é o que se está observando dia a dia nos grandes centros, onde não falta pessoal habilitado legalmente: querer referir-me a uma aluvião de curandeiros sem competência nem consciência que se metem a querer tratar de doentes, mas que em última análise só servem para os matar.

Um cliente é um ser melindroso: só deve tocar-lhe quem tenha as precisas habilidades. Não é um barbeiro capaz de fazer uma operação de alta cirurgia, como não é um charlatão competente para tratar de doenças perigosas.

Para dar maior descanso aos coveiros e

Os trabalhadores negros da América saíram os seus irmãos rifeiros

O congresso americano dos trabalhadores negros, que acaba de se reunir em Chicago, enviou a Abd-el-Krim dois telegramas, que a seguir reproduzimos, nos quais fazem ver mais uma vez a solidariedade universal dos povos oprimidos de todas as nacionalidades para com a valorosa população rifeira, em luta contra os imperialistas franceses e espanhóis.

Abd-el-Krim. Quartel general do exército rifeiro. África:

«Os negros americanos saúdam o glorioioso chefe rifeiro que, como um herói, conduziu essa valiosa luta. Convidamo-lo a assistir ao próximo congresso negro que se realizará no ano próximo.»

«Mensagem dirigida às tropas negras seguem as do exército francês em África.

«Os negros americanos convidam todos os seus irmãos de África a recusarem-se a combater contra o heroico povo do Riff. O seu dever é juntar-se a Abd-el-Krim para libertar o solo africano dos invasores imperialistas.»

Nota do comité da greve

Ao entrar na 5.ª semana de luta, a classe corticeira não pode deixar de ponderar os sacrifícios já sofridos e a necessidade de persistir lutando até que os nossos adversários cedam à razão de que estamos posuídos.

Simplesmente este comité, que à serenidade demonstrada por estes 12.000 homens na defesa do pão dos seus lares, corresponde da parte dos industriais o bom senso de transigir com as agruras da situação, pondo de parte a ideia de reduzir os salários.

Assim não sucede. A atitude dos industriais é simplesmente afrontosa e provocadora.

Quando o custo da vida sobe, a miséria se faz sentir em muitos lares e o desespero invade já os grevistas, é que esperam os industriais?

Querem o tressaço dos ódios que têm provocado, a safada dos grevistas dessa linta de serenidade que os tem norteados?

Já ponderaram que a fome é má conselheira e que a sua entrada pela porta afugentaria a virtude?

Cuidado, prudência senhores industriais! Assim como o frio e a fome acoçoa as feras para o exterior dos covis, não espereis que os rigores do inverno e a fome dos lares atrem os grevistas para as fábricas, cobardemente expostos a uma mais intensa exploração!

Estas palavras que hoje aqui lançamos na esperança de que lereis e ponderareis, podeis crer não revelam uma ameaça, mas um aviso; não uma demonstração de temor ou cobardia mas um anatema formal à atitude que estais mantendo, atitude repugnante por ser a negação dum alimento alias modesto a muitos milhares de bocas cujos manutentores pelo esforço do seu braço têm contribuído para a vida de prazer que os seus senhores disfrutam.

Não possuímos o horror às responsabilidades, mas, neste momento, elas, as quais resultem deste demorado conflito, cabem interinhas faças que os provocaram com a pretensa de reduzir os salários.

Queremos que accossados pelo rigoroso inverno e coagidos pela miséria nos rendemos?

Nunca! O inverno e a miséria a tudo poderão conduzir-nos menos a uma entrega vergonhosa e de traição ao pão dos nossos entes queridos.

O Conselho Federal, com as direcções dos sindicatos, vai amanhã apreciar a situação. Aguardai confiantes; não entrantem lutai sempre, com ardor e de tódas as formas, para que vos respeitem o direito à vida.

E' amanhã segunda-feira, dia de esperança para os industriais. Daqui o vosso comité vos exhorta a que continueis desprendendo as fábricas, mas que a nossa greve tome um capaz de debelar o frio com que os nossos patrões contam como fiel aliado.

Avante camaradas! Viva a greve!

O Comité

No Seixal

Com firmes e coesos mantém-se a luta dos corticeiros desta localidade contra a baixa de salários. Não só as condições económicas se estão agravando como já antes os salários eram deficientes, pelo que a atitude dos industriais é considerada uma afronta áqueles que lhes têm dado conforto e grandeza. Peia lógica das circunstâncias, a classe deveria reclamar os 10.º que primeiro lhe foram extorquidos.

Aplicando também as deportações e prisões sem culpa formada, resolveu lembrar aos sindicatos que devem fazer sessões de protesto a favor do regresso dos mesmos e da sua libertação, bem assim enviar telegramas ao presidente da Câmara dos Deputados no dia da sua abertura, exigindo o seu regresso à metrópole e a libertação dos que não tenham culpa formada. Esperamos que os sindicatos cumpram o seu dever.»

garantir às famílias os seus entes queridos, urge, pois, reclamar uma lei que puna como regras de lesa-vida todos os curandeiros e charlatões, que matam mais gente do que a peste, a fome e a guerra conjuntamente.

Senhores congressistas: Posto isto, sem avanços de frases, mas na sua e crua expressão da verdade, tenho a honra de apresentar à vossa aprovação as seguintes conclusões:

1.º A todos os funcionários que exercem serviços em hospitais, casas de saúde, postos de socorros, corporações de assistência e em qualquer estabelecimento onde se tratam doentes, são equiparados os seus vencimentos aos dos funcionários do Estado, servindo de base os dos Hospitais Civis de Lisboa, dando o governo os meios necessários aos estabelecimentos que não estejam em condições de poder exercer.

2.º O governo nacionalizará os hospitais a cargo das Misericórdias do país, para o que organizará e publicará sem perda de tempo os respectivos diplomas.

3.º E' extensiva a todos os estabelecimentos a que se refere o n.º 1, a lei do horário de trabalho, fazendo-se para eles um regulamento especial de harmonia com o respectivo diploma e sem prejuízo dos doentes.

4.º São imediatamente expulsas de tódas os hospitais do país, tódas as religiosas, quer pertençam às irmãs hospitalareiras de Tui, quer de outra congregação qualquer, passando estes serviços a ser feitos novamente pelos curandeiros e charlatões, como os seus assalariados.

5.º Só são permitidos os serviços de enfermagem fora dos hospitais a indivíduos devidamente diplomados pelas escolas de enfermagem de Lisboa, Coimbra e Pórtico, publicando-se uma lei que puna severamente os curandeiros e charlatões, como os seus assalariados.

6.º São imediatamente indefectíveis, estando todos os grevistas dispostos a lutar até que os industriais desviem a sua pretensão de baixa de salários.

No Póvoa do Bispo

A classe corticeira reuniu ontem para apreciar a marcha da greve, verificando pela exposição do seu delegado à Federação que os industriais persistem na sua afronta de fazer render da pobre fome os seus assalariados.

A classe resolreu manter-se firme até completa vitória, terminando a assembleia com entusiasmadas vivas à Federação Corticeira. Segunda feira volta a reunir a classe, às 11 horas, para um assunto muito importante.

O seu preço é: I volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00.

Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

Para dar maior descanso aos coveiros e

A LUTA CONTRA A BAIXA DE SALÁRIOS

Os industriais corticeiros confiam no frio e na fome para renderem os seus 12.000 grevistas, enquanto estes lutam heroicamente e confiados na solidariedade dos seus irmãos doutras classes

Em Sines

Os corticeiros aqui não vacilam em continuar a luta até que lhes garantam a integridade dos salários.

A indisposição contra os industriais causadores desta situação agravou-se. A sua ação forjadora de crises constantes e de condenação dos operários à fome é simpateticamente repulsiva.

Em Messines

São evidentes os sacrifícios dos grevistas corticeiros, mas a sua energia na luta não queria, antes todos se afirmam dispostos a não consentir na redução dos salários.

Constitui-se a encarcamento de tudo que é essencial à vida, pelo que persistir numa baixa de salários é um crime, aceitá-la seria uma cobardia e um erro.

Em Aldeagela

A irredutibilidade dos industriais corticeiros respondem aqui os grevistas dispostos a prosseguirem na luta em defesa dos salários que já mal chegavam para cobrir as despesas de cada lar.

Todos se podem considerar inocentes e vítimas da má vontade dos governos que os desterram sem apurar as suas culpas e responsabilidades em quaisquer crimes que se tenham cometido.

Em São Tiago do Cacém

A greve dos corticeiros nesta localidade mantém-se firmemente, estando os grevistas dispostos a não abandonar o salário que auferem antes, acatando as indicações do comité.

Em Almada

Mantém-se firme a luta contra a redução dos salários, verberando-se a atitude dos industriais em persistirem numa resolução contrária à actual situação económica.

Hoje reúne a classe, pelas 17 horas, para ouvir do seu delegado e da sua direcção os resultados da reunião de ontem, a saber, a abertura da porta da greve.

Em Vendas Novas

A greve dos corticeiros continua sem que se note qualquer desafeitamento, e mais do que nunca se encontram unidos para que prevaleça a razão e a justiça que os acompanha neste horário, prestando apoio ao seu delegado e da sua direcção, fazendo votos para que os corticeiros em greve geral se mantenham como até aqui.

Em Silves

Os operários corticeiros aqui em greve, persistem afirmando-se dispostos a não consentirem que, enquanto a situação económica se agrava, os industriais façam qualquer redução de salários.

Senhores da justiça que lhes assiste, os grevistas só deixarão de lutar depois de atendidos.

Em Belém

A classe, reunida para apreciar as propostas dos industriais corticeiros, combatentes intensamente aprovando uma moção com as conclusões seguintes:

1.º Continuar no movimento como até aqui.

2.º Em resposta aos industriais, que se reclame dos mesmos os 10.º, já retirados, conforme resolução duma assembleia anterior.

Foi marcada nova reunião para a próxima segunda feira, pelas 10 horas.

Em Setúbal

Com a mesma disposição, mantém-se os grevistas corticeiros. Oxalá que os industriais atendam à situação que a si próprios estão criando, pela animadversão que fazem das suas atitudes estando originadas da parte dos operários.

Em Odemira

Entre os corticeiros desta localidade, a par da situação difícil que a greve tem ocasionado, uma indisposição grande contra os industriais causadores desta luta. A pesar de tudo, os grevistas só deixarão de lutar quando os industriais abandonem a sua injusta irreduzibilidade, não reduzindo os salários.

Na Amora

A greve corticeira mantém-se sem desf